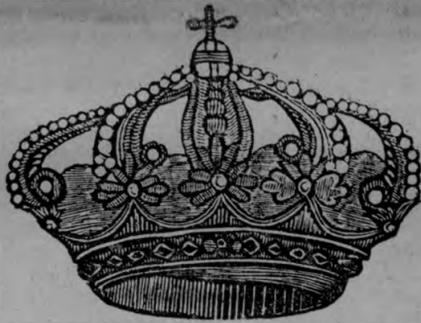


A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI
NUMERO COMMEMORATIVO



19 DE SETEMBRO

ANNIVERSARIO D'EL-REI O SENHOR D. MIGUEL II

Um anno mais!
E a patria a chamar-vos, Senhor!
Um anno mais! E um povo que geme na agonia, e uma nação que se definha na orfandade!
Por que não vindes!

Abrem-vos as portas da patria quatro milhões de vassallos!

Os castellos da revolução não teem canhões, as armas não teem poder quando o coração de um povo heroico chama o seu rei na altura do seu direito.

Um anno mais!

Mas não vedes, Senhor, não ouvis esta desolada mãe no leito da agonia, que vos estende as mãos supplicantes, e vos exclama:—salva-me, Filho!

Vinde, ai, vinde, Senhor!

Não mais a nossa orfandade!

Não mais em mãos estranhas este berço de tantas glorias, esta terra de tantos prodigios!

Não mais em terras estranhas esse coração, que tem aqui um sacrario, essa frente que tem aqui uma corôa, esse braço que tem aqui um sceptro!

O throno de D. João IV está devago! Quando ali vos assentardes, ha-de prostrar-se deante do solio do libertador uma posteridade que vos admire!

Vinde Senhor!

Estorvo não tendes no caminho da patria.

O tempo apontou com sua mão de fogo a hora solemne no grande relógio dos destinos d'este povo! Que vos resistam embora ambições de intrusos, que vos magôe embora o estrebuchar do dragão que expira em vosso caminho; haveis seguir e haveis chegar.

Ha rochedos que não contem os impetos da torrente. Atravez das resistencias humanas, as predestinações passam sem se deter.

A phisionomia das épocas muda como podem mudar-se os phenomenos da natureza.

O sopro das revoluções arrojou este povo de escarpa em escarpa até á beira do abysmo, como o vento pôde arrastar uma folha secca de montanha em montanha até á garganta da cratera.

Um momento chega em que Portugal, vacillante entre a vida e a morte, reconhece em si os traços crepusculares de um caracter de providencia e fatalidade. E resurge da propria ruina, porque a lueta de interesses transitorios se transforma no accordo das crengas eternas. E o povo portuguez que fraternisa com os proprios instinctos, que confia a alma aos seus proprios enthusiasmos, e se fortifica aos clarões da consciencia, subjuga com o seu dominio invencivel a revolução já cega de orgulho, que não pôde nem sabe erguer-se do pó.

É a hora, Senhor!

O dia de hoje é para nós uma aurora ridente.

Quando o astro redemptor estiver a prumo sobre nossa cabeça, ha-de brilhar sobre a vossa um deadema glorioso, como um resplendor divino sobre a frente de um eleito da Providencia.

Não importa que esse deadema usurpado á nossa liberdade orne hoje a frente de estrangeiros, abastardado pela sacrilega aleança de machinações monstruosas e espurias. O braço vigoroso de uma nação nobre que se reabilita é bastante para o, arrancar das garras da pillagem, enervadas pelo vicio e condemnadas por Deus.

Tambem aos infieis o conquistámos com o valor do nosso braço, para constituirmos n'elle um direito que as luzas espadas gravaram para sempre nos escudos d'esta patria de livres e de heroes.

É o Portugal de D. João I. o Portugal de D. João IV, o Portugal de D. Miguel I que vos chama a vós, Senhor!

É a terra dos portuguezes que vos quer e vos ama!

Raças cruzadas ahi vivem que não conhecem, que não comprehendem este amor; mas essas raças não podem aclimatar-se n'este solo puro, que o nosso sangue regou, para que n'elle medrasse o genio da legitima liberdade.

Hão-de repellit-as até as catadupas dos nossos rios, as tempestades das nossas serras, a furia dos nossos mares, os rochedos das nossas costas, as feras das nossas florestas.

O elemento que se move não é o leão que ruge na hora de desesperação, não é o raio que irrompe dos espaços infinitos, não é o vulcão que vomita a lava devastadora, não é um Oceano que se revolve e embravece; é tudo isto no mesmo ser, por que é uma serie infinita de supremas decisões, por que é um athleta que se irrita e se defende, um povo esmagado pelas tyrannias de seus verdugos, que se salva e se vinga.

Senhor! Este dia que recorda uma existencia querida para Portugal, é tambem o que váe marcar um novo periodo de vida e actividade para o partido legitimista.

É forçoso que assim seja. A Providencia não cria esta dedicação para que seja inutil. Em meio da sociedade não pode permanecer um partido paralytico em uma patria moribunda. Vós, Senhor, não sois apenas um rei destinado por Deus para um povo crente e fiel, sois um acontecimento que se move, uma nação que renasce, uma época que se inicia, uma tradição gloriosa que passa honrada ás gerações vindouras.

Aprendestes n'um grande coração as grandes provações, n'uma grande alma as grandes virtudes. No bulicio das modernas vicissitudes

que se renovam e se multiplicam nas ingentes metamorphoses das nações, tendes colhido a sabedoria dos reis e penetrado o espirito dos povos de hoje. Completado assim o ser moral do vosso ser politico no exemplo de um rei e no labor de um povo, ha-de o futuro reconhecer que os homens da revolução não são os homens do progresso, por que estes buscam na ordem as grandes conquistas da sã philosophia, e no trabalho diuturno das ardentes dedicações as formulas mais puras e mais grandiosas da verdadeira civilização.

As controversias das facções que os interesses mesquinhos dividio, embora deslumbrem como o relampago não obliteram o sentimento recondito, intimo, consciencioso das grandes verdades.

Portugal carece de um homem que seja pelo menos tão grande como a nação, um gigante no profundo sentimento das coisas e das épocas, tendo em torno de si o prestigio universal.

Voltaire tambem foi *Arouet*, Mirabeau chamou-se *Requetti*, Napoleão I foi tambem *Bonaparte*. Apar de cada nome illustre um nome obscuro! D. Miguel II tambem se chama Bragança, uma admiração com dois nomes!

Obreiros do mal ou genios bem, tudo o que é sublime é grande.

As antitheses tambem se tocam nos grandes combates do pensamento, como dois heroes que se escolhem e se encontram para cruzar o ferro em peleja gloriosa.

Se aquelles grandes nomes significam uma era de conflagrações, a sua antithese assenta com os brilhantismos de uma corôa na cabeça illuminada do successor de nossos reis.

E haveis cingir essa corôa, Senhor!

Quando ha pouco pela vez primeira respirastes sob o Céu Portuguez, e humedecestes os labios nas aguas cristalinas do Tejo, por que não haveis confiado siquer á mancião da corrente o vosso nome augusto?

Vereis Senhor brotar de cada pedra uma flor, de cada rosto uma lagrima alegre, de cada peito uma aclamação ardente, de cada braço uma espada vencedora.

Saberieis como um povo nobre—hizarro sabe receber e defender o seu rei, como em redor de uma corôa popular sabe existir invicto um reducto de dedicações.

Assim o dia de hoje seria um dia de galas ruidosas como é de jubilo nacional, mesmo acanhado nos modestos mas sinceros regosijos do nosso lar..

E o throno de vossos maiores irradiaria até aos confins da Europa as felicitações enthusiasmicas e patrioticas de um povo alegre, nas expansões que hoje mal podemos levar-vos á terra do exilio.

É TEMPO

A necessidade de que exista em Braga um Club, um Centro Legitimista é tão palpante, que não carece demonstração.

Em toda a parte onde um partido tem vida, existe um ponto onde se mantém e estreita a convivência, onde se discutem os assumptos, onde se comunica o pensamento, onde se concerta a acção, onde vem os neophitos inspirar-se, onde se retemperam os tibios, onde se lê e se estuda, onde se encontra recreio e distracção útil para as horas do ocio.

Mediante um pequenissimo sacrificio, existem essas instituições cuja vantagem a historia assignala em todas as épocas. Creemos que nenhuma revolução, nenhuma metamorphose se operou ainda nos destinos de um povo, sem que a precedesse a unidade de acção, que estes ajuntamentos promovem.

A revolução de 1640 não teria existido se D. Antão d'Almada e João Pinto Ribeiro não houvessem aberto as portas occultas de suas habitações aos 40 conspiradores, para que se conhecessem, para que se inthusiassem reciprocamente, para que estudassem o plano arrojado que lhes deu a victoria contra o poderio de Castella.

Não tratamos por ora de conspirações nem de secretos manejos; porém, á luz de todos os olhos nada ha que se opponha á nossa mais estreita convivência. Esta convivência, se nenhuma outra vantagem tiver, concorrerá ao menos para a união e para a amizade que é indispensavel entre cor-religionarios.

Todos os partidos tem as suas assembleas, desde o governamental até ao socialista. Não existe em Portugal nem sequer uma aldeia onde mesmo no interior de uma tenda, á esquina de uma praça, ao lado de uma fonte, ao angulo de uma botica não haja um jornal e uma palestra liberal.

Por que não havemos nós fazer outro tanto?

Por que não havemos promover a leitura dos nossos jornaes, a discussão das nas nossas idéas, o conhecimento dos erros do presente, e das aspirações do futuro? Porque não havemos illuminar consciencias, preparar homens, crear adhesões, fomentar elementos de força e preponderancia?

Em todas as grandes commemorações, em todas as grandes solemnidades publicas nascem creações que recordam a passagem de um dia memoravel. O centenario de Camões deixou apezos já escolas, academias, casas de caridade etc.: o centenario Pombalino, esse acto hybridado da revolução creou á sua similhança assembleas atheistas, escolas pagans, circulos revolucionarios. O centenario de Voltaire, dotou a França de instituições socialistas, de novos focos de anarchia. Por que não havemos nós, no dia de hoje, n'este dia tão jubiloso para o partido legitimista e para a nação portugueza, instituir o Centro legitimista do Minho, deixando assim memorado o dia em que, em todo o paiz, unido o partido legitimista, esquecidas anteriores divergencias, abraçada e cheia de regosijos esta grande familia, abandona a posição espectante em que se achava, e vá encetar um novo periodo de vitalidade e acção?

Pois não existem ali o Centro Regenerador, o Centro Progressista, o Centro Republicano, o Centro Reformista, a Associação Catholica, a Conferencia de S. Vicente de Paulo?

Pois só o partido legitimista não ha-de reunir-se senão de anno a anno em limitadissimo numero para que se não diga que não existe, sem passar além dos seus actos de regosijo puramente em familia?

Isto não pôde nem deve ser assim.

Carecemos de uma assemblea legitimista, onde tenham ingresso todos os legitimistas sem distincção de classes nem de gerarchias, com um gabinete de leitura onde tenhamos os principaes jornaes religiosos e legitimistas do paiz e do estrangeiro; onde todos estudem e aprendam o motte legitimista, onde uma acertada direcção mantenha a mais stricta decencia e a mais regorosa disciplina, onde o operario encontre a horas certas o seu chefe, onde o chefe tenha facilidade de comunicar com o simples obreiro da causa.

Estamos seguros de que este alvitre não poderá deixar de encontrar apoio em todos os corações verdadeiramente dedicados á causa da legitimidade e da patria.

Exposta a idéa, uma palavra basta para a converter em uma realidade proveitosa.

Fazemos sinceros votos por esta realidade, e prestar-lhe-hemos todo o nosso apoio.

REMINISCENCIAS

No anno de 1832 publicou o sabio Doutor Francisco Jeronymo da Silva a seguinte descripção dos festejos que houve em Braga por occasião da primeira visita que a esta cidade fez a rei amado, o Senhor D. Miguel I.

Recordando hoje aos Bracarenses este fausto acontecimento, não perderá o tempo quem confrontar os factos e as épocas.

«Il règne dans tous les coeurs; chacun, bien loin de vouloir s'en défaire, craint de le perdre, et donnerait sa vie pour lui.»

FÉNÉLON.

«A cidade de Braga acaba de ter a ventura de receber nos seus braços o seu amavel Soberano, o Senhor D. MIGUEL I. Poucos dias antes deste extraordinario acontecimento, a prudencia humana estava muito longe de o poder prever. O actual abatimento desta Cidade, a longa distancia, que a separa da Capital, e, mais que tudo, o desgosto, a que a tinham affeito quasi tres seculos, durante os quaes nenhum dos seus Reis a tinha visitado; tudo isto contribuia para que ninguem se persuadisse de que ella teria a dita de ver dentro de seus muros Aquelle Mesmo, a Quem teve o denodo de acclamar em um tempo, em que a maior parte dos bons Portuguezes ja poucas, ou nenhuma esperanças nutria de que estalasse a cadea, que O retinha, como encantado, nas margens do Danubio. A Providencia porém, que nunca faz derramar uma lagrima, que não determine ao mesmo tempo os meios de a enxugar, resolveo conduzir ao seio dos Bracarenses o Tito da Nação, para por este meio compensar o trance doloroso, por que estes ainda ha poucos mezes passaram, quando, para escapar aos seus inimigos, se virão na dura necessidade de abandonar os seus lares. O dia primeiro de Novembro de 1832 foi aquelle, em que El-Rei, Nosso Senhor, alegrou e honrou a Cidade de Braga com a Sua Augusta Presença. Desde o anno de 1755 achava-se este dia na posse de magoar o coração com as mais lastimosas recordações. Uma das Cidades mais bellas da Europa, em grande parte prostrada por um violento abalo, que só pareceo suspender os seus estragos para entregar o resto á voracidade do fogo, tal era o quadro terrivel, que este dia, d'anno em anno, costumava avivar na memoria dos homens. Mas de hoje em diante, ao menos para os habitantes de Braga, a prescripção destas lembranças Inctuosas vai ser interrompida pelas do espectaculo festivo, que a mesma Cidade appresentou neste dia memoravel. Os vindouros Bracarenses nunca poderão passar por este dia, sem que, penetrados da mais viva saudade, rompão nestas, ou em similhantes expressões: Faz hoje tantos annos, que nossos pais beijarão a Mão ao seu Augusto Monarcha, e Lhe derão a prova real do seu amor e fidelidade. Sejamos pois gratos á sua memoria; e, pois que «isso nos não é possivel de outro modo, amanhã ajoelhados sobre as suas sepulturas, paguemos-lhes com as nossas logrimas e orações o legado glorioso, que elles nos deixaram.» É com o fim de excitar estes e outros iguaes pensamentos no espirito d'aquelles, que depois de nós vierem, que eu me resolvo a escrever esta pequena memoria. Nada pois terão de que me arguir os presentes, a quem eu, ainda quando me sentisse com outras forças, nunca teria o arrojo de offerecer a demasiada copia da copia da scena mais viva e brilhante que eu e elles temos presenciado.

Desde o principio de Outubro sabia-se em Braga, que El-Rei, Nosso Senhor, tinha tomado a heroica resolução de deixar a Capital, e vir apparecer ao seu Exercito. Mas que Este Senhor Se dirigia primeiramente á Cidade mais leal do solo Portuguez, só constou aos habitantes da mesma Cidade seis, ou sete dias antes; e é de notar, que esta nova não tinha um cunho tal da veracidade, que não padecesse muitas e mui fortes impugnações até quasi as vespas do primeiro de Novembro. Esta incerteza porém, longe de afrouxar o espirito publico, pelo contrario não fez mais do que dar-lhe maior realce. As artes acordaram do lethargo, em que se achavão; não houve artífice, ou armador, que não fosse chamado, e até rogado para ir trabalhar nos preparativos da entrada. Desde a Igreja de S. Pedro de Maximinos até á Galeria do Paço não se ouvia outra coisa mais, que o estrondo confuso dos ferros de monte, das serras e dos martellos. Ao ver a rapidez, com que os trabalhos progredião, dir-se-ia, que uma especie de magia operava todos estes effeitos. Num tão curto intervallo não só se não pôde fa-

zer mais, mas até custa a conceber, como como se possa fazer tanto. Concertarão-se as calçadas; caíram-se as casas das ruas por onde El-Rei tinha de passar; preparou-se e armou-se o Paço, que, além de indecente, se achava em grande parte inhabitavel, levantarão-se em fim uns poucos de arcos triumphaes, dos quaes uns prendião a attenção por engraçados labores de murta sobre campo branco, e outros pelas ricas e mimosas, sedas com que se achavão forrados. Erguia-se o primeiro destes nos arcos no sitio chamado da Cruz de Pedra, sitio onde a tradição, apoiada na historia, diz que fora em tempos antigos o Amphitheatro Bracarense. Erguia-se o segundo arco á entrada do Campo das Hortas, ao nivel das casas do Vigario Capitular, o qual, por falta de tempo, o não pôde concluir, senão depois do dia da entrada d'El-Rei, Nosso Senhor. O terceiro arco era o mesmo da Porta-Nova, no qual competia a riqueza das telas com o gosto da armação. Na travessa dos Açougues-Velhos, estavam o quarto e quinto, um á entrada e outro á saída. Em fim o ultimo de todos ficava defronte da Misericordia, e em cousa nenhuma desdizia do brio e generosidade dos Comerciantes da terra, que á sua custa o mandarão levantar. Mas já é tempo de mover a penna para differente objecto.

Desde as duas horas da tarde do dia da entrada, as ruas, por onde El-Rei tinha de transitar, começarão a povoar-se de gente de todas as classes, sexos e idades. Por onde quer que o observador movesse os passos, encontrava-se com espectaculos, qual delles mais curioso. Aqui se lhe appresentava, louca de contente, uma velha camponeza com seu enorme adereço de ouro ao peito. Alli saía-lhe ao encontro o fidalgo da aldeia, envolvido na gothica hereditaria casaca. Acolá arrastava-se afadigado um venerando velho, levando n'uma das mãos o bordão, a que se arrimava, e com a outra pegando na do innocente e balbuciante neto. Mais adiante offerecia-se o tocante passo de dous individuos, que, estreitamente abraçados, se congratulavão um ao outro do motivo, que aqui de tão longe os fizera concorrer, e lhes dera occasião de matar saudades, as quaes já datavão de uma epocha remota. Se no meio das ruas tanto havia que notar, de que modo me deverei eu exprimir a respeito das janellas? O que eu nellas observei, é mais obra de pincel, que de penna, a qual, por mais que se apure, não pôde debuxar, nem a variedade das colchas, que pendão das janellas, nem a diversidade das galas, atavios e attitudes das damas, que as guarnecião. O pincel pois que tire as copias de cada um destes quadros, e a penna que se encarregue simplesmente de por baixo das mesmas declarar, que, se acaso elles não prenderão exclusivamente a vista, foi porque uma força occulta a arrastava de continuo para o sitio, em que devia apontar o Objecto da publica expectação. Mas a tarde ia passando, e este não acabava de apparecer. O Visconde de Monte Alegre tinha já partido ha muito a encontrar-se com Elle. O mesmo tinham feito o Corregedor da Cidade, e outras pessoas distinctas. Os postilhões, que succedião uns aos outros, dizião todos á uma: Elle está ahí a chegar. A estropeada, que elles fazião ao longe dava algumas vezes occasião a falsos rebates. Então nas ruas e janellas tudo se punha em movimento. Nas ruas, a gente, que por ellas estava derramada, debandava para os lados, e se formava em duas alas. Nas janellas apinhavão-se as figuras, extendião-se as cabeças, desdobravão-se os lenços, e desfolhavão-se as rosas, que devião cair em borbotões sobre a frente do Monarcha. Mas, quando a explosão da alegria publica já ia a retumbar, de repente desmentia-se o boato, desvanecia-se a illusão, e os animos voltavão de novo ao estado antecedente. Assim se revezário o alvoroço e a impaciencia, até que em fim o dia desaparece, e a noite sobreveio. Começou-se então a illuminar a Cidade, e a desenvolver-se uma vista, que, não sendo tão distincta com a do dia, era com tudo mais pinturesca, e até mais capaz de excitar o enthusiasmo. Os papeis colorados, que envolvião e resguardavão as luzes, se por um lado assombravam as feições e os gestos dos espectadores, por outro lado davam azo a que a imaginação se accendesse, e substituísse aos defeitos da realidade as bellezas da ficção. Pouco mais de huma hora teria durado esta vista, quando os estalos das girandolas, e os clamores do povo annunciaram ao longe, que o Rei dos Portuguezes já vinha entrando na Colonia dos Gregos, na Chancellaria dos Romanos, na Corte dos Suevos, n'uma palavra, em Braga. Quatro espadas nuas precediam o Soberano. Após d'Este e do Seu Estado-Maior marchava uma guarda de trinta cavallos. Seguião-se depois duas liteiras, em uma das quaes

vinha a Serenissima Senhora Infanta, D. MARIA DA ASSUMPCÃO. A Nobreza Bracarense, montada a cavallo, rematava o cortejo. Com esta ordem veio El-Rei caminhando até o Cruzeiro das Hortas, onde a Camara e o seu Presidente desde o principio da tarde O estavam aguardando. Foi alli que se lhe appresentarão as chaves da ójdade, cousa que (ao menos que eu saiba) ainda se não tinha feito a nenhum Rei Portuguez. Tendo recebido e guardado estas chaves, El-Rei proseguio a Sua marcha, e tomando a Porta-Nova, entrou na rua, a que em outros tempos se deo o nome de Sousa. Que maravilhoso espectaculo foi então o desta rua! Talvez que desde que a abriu a incançavel mão de D. Diogo de Sousa, ainda até hoje não tenha appresentado nenhum outro espectaculo, que hombrêe com este. As impressões do ouvido e da vista erão tão fortes e tão numerosas, que a alma não sabia a qual destas duas deveas primeiro acudir. No ouvido retinão simultaneamente as acclamações populares, o repique dos sinos, o ruido dos projectis, e o estampido dos morteiros. F caudaloso rio de gente, que inundava a rua, o movimento rapido de duas fileiras de lenços, as serpentes de fogo, que os foguetes ao subir imprimião nos ares, as nuvens de rosas, que ao clarão dos mesmos se vião descer, taes erão os diversos objectos, que dando a um tempo na vista do observador, o enlevavão de tal modo, que o Ceo como que lhe parecia retratado na Terra. Este espectaculo só teve um defeito,—passar tão de pressa. Poucos minutos terião decorrido, e já o Monarcha Se achava ao pé da Cathedral, onde os sentimentos de Religião encaminharão os Seus passos. Apenas Se apeou, os Conegos que O estavam esperando. O receberão debaixo do pallio, e O conduzirão em direitura á Capella do Sacramento: Ao entrar nesta Capella, a Majestade Humana Se prostrou diante da Divina; e o mesmo fizeram todos os assistentes, em quanto soavão no recinto do Templo os accentos do hymno Te-Deum laudamus. Da Capella do Sacramento dirigio-Se El-Rei para a Capella-Maior, onde Se Lhe foi reunir Sua Augusta Irmã, a Senhora D. MARIA DA ASSUMPCÃO. Cantou-se então a Ladinha de Nossa Senhora, á qual ambos Elles assistirão eo modo mais edificante. Que ideas tocantes e sublimes se Lhes não offerecerião n'aquelle momento? O Templo, em que Elles acabavão de entrar, era fundado sobre as ruinas de um Templo Pagão. Á direita da entrada, como para Os avisar de que a Morte nem ao menos respeita a meninice dos Reis, erguia-se o mausoleo de D. Affonso, aqui fallecido na primavera da vida. No corpo da Igreja descaçavão os ossos de Martim de Freitas, o defensor de Sancho II. Nas Capellas do cruzeiro existião as veneraveis reliquias de S. Pedro de Rates, e de S. Martinho de Dume. Passando á Capella-Mór, a Cadeira, que os dous Augustos Irmãos vião á Sua esquerda, era a mesma, em que se tínão sentado Bartholomeu dos Martyres e Caetano Brandão. O pavimento, sobre que Elles estavam ajoelhados, cobria os restos mortaes de muitos e mui respeitaveis Prelados, alguns dos quaes se ião entroncar na Sua mesma Familia. Em fim ficavão-Lhes defronte os tumulos, onde repousavão as cinzas de HENRIQUE e THERESA, Seus illustres Progenitores. Esta ultima lembrança, só por si, era capaz de aquecer a imaginação mais fria. Aquelle, a quem ella occorresse, facilmente se lhe poderia figurar, que Henrique e sua Consorte se reanimavão, e que ao verem diante de si um Neto seu, tão benemerito do Altar e da Patria, saltavão fora dos tumulos, e corrião a abraçar-se com Elle. Mas insensivelmente o calor do enthusiasmo me ia desviando do meu assumpto. De novo pois dirigirei a penna para elle, deixando ao homem pensador as serrias e profundas reflexões, a que similhantes lambranças poderião conduzir.

Acabada que foi a Ladinha, El-Rei saio da Sé, metteo na liteira a Sua Augusta Irmã, e, fazendo uma inclinação de cabeça a todos os circumstantes, montou de novo a cavallo, e partio para o Paço. Renovou-se então o mesmo espectaculo, que já acima fica descripto, e que só se differencio d'aquelle em ser ainda mais passageiro. Com effeito d'alli a pouco já El-Rei Se tinha recolhido ao Paço, onde o povo innumeravel, que O seguia, não podendo entrar com Elle, desafogou ao menos parte da sua saudade em rondar até alta noite em torno do Real Aposento, e em reforçar os seus continuos vivas ao vulto mais confuso, que por entre as vidraças das janellas se podia divisar. Errante pelo meio deste povo, eu então mais uma vez tive lugar de reconhecer por um lado a vontade nacional, e por outro a inconsequencia d'aquelles, que, proclamando em theoria o suffragio popular, com tudo na pratica negão a legitimidade de um Soberano, a favor do Qual se ligão estreitamente

a letra da Lei, e o voto da Nação. Vivamente penetrada d'estas ideas, a minha Musa dictou-me então a seguinte poesia, com que eu termino este escripto.

SONETO

Porto, se queres mais um desengano,
Por um pouco emmudece, ouve confuso
Os vivas espontaneos, com que o Luso
Saúda reverente o seu Sob'rano.

Um Rei, a Quem o povo aclama ufano,
Não é usurpador á força intruso,
E só algum perverso, algum illuso
Lhe podem dar o nome de tyranno.

Não usurpa quem toma o de que é dono,
Nem pôde ser um despota insolente
Quem sobre corações firma o Seu Throno.

Tão querido é MIGUEL da Lusa Gente,
Que, a poder evitar da morte o somno,
Reinára em Portugal eternamente.

Reunião dos Tres Braços do Estado, e aclamação do Sr. D. Miguel I. Juramento de Sua Magestade e dos Tres Estados do Reino.

Na torre da Patriarchal de Lisboa soaram 5 horas da tarde do dia 23 de Junho de 1828, e já reunidos prelados e grandes do reino e outros membros de nobreza e os procuradores das cidades e villas com assento em cortes, trajando todos, menos os ecclesiasticos e desembargadores, segundo o antigo uso nacional em taes ajuntamentos, quando entrou n'uma das salas mais espaçosas do palacio d'Ajuda, provisoriamente decorada com magnificencia verdadeiramente real, o Senhor Infante D. Miguel, vestido tambem como aquella luzida assemblea, e precedido dos porteiros da massa, reis d'armas, arautos, e passavantes, dos menezes com suas charamellas e atabales, officiaes môres, e gentis homens da real camara, e foi occupar o throno, junto do qual se collocou, com o estoque levantado o condestavel D. Nuno Caetano Alves Pereira de Mello, sexto duque de Cadaval.

Em seguida tomando assento os tres Estados, pronunciou o discurso de abertura o sabio D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Vizeu.

Terminado este discurso, tomou a palavra o douto conselheiro José Acurcio das Neves, um dos procuradores pela cidade de Lisboa, na forma dos antigos costumes, nos seguintes termos:

«Serenissimo Senhor. Depois de tão longas peregrinações, e por entre tantos perigos e trabalhos, a mão do Omnipotente conduziu a Vossa Alteza Real desde as margens do Danubio ás do Tejo, para salvar o seu povo. Este fiel povo agitado, opprimido e consternado pelos partidos, pelas revoluções, e por todo o genero de angustias, suspirava com tanta ansiedade pelo libertador, que havia de pôr termo ás suas calamidades, como em outro tempo o de Israel durante o captivo de Babilonia. Depois de Deus, todas as nossas esperanças se fixavam em Vossa Alteza Real, e não era em vão; por que com Vossa Alteza Real á nossa frente temos começado uma era mais ditosa.

«Aquella hydra, que ha cinco annos Vossa Alteza Real esmagou em Santarem, tem sido origem e causa de todas as nossas desgraças. Vossa Alteza Real pizou-lhe a cabeça com um heroismo, que immortalizou seu nome; porém ella sendo de uma vida tão tenaz, como pintam a hydra da fabula, e ainda mais perigosa por seus ardis, comprimiu-se, humilhou-se, fez-se morta; e passados alguns instantes, levantou de novo o collo, tomou diversa figura, empregou novos agentes, e os seus primeiros tiros dirigiram-se contra aquelle, que a tinha esmagado.

«Nenhuma outra cousa se devia esperar, uma vez que o monstro ficou com vida; mas se elle preparou a Vossa Alteza Real longos trabalhos, penosas fadigas, tambem lhe deu occasião a colher novos, e ainda mais vigorosos louros nos campos da honra, e da gloria; se nos envolveu em dias de dor, e de amargura, tambem nos trouxe o doce prazer, que hoje respiramos.

«Partiu Vossa Alteza Real d'entre nós, levando-nos consigo nossos corações, e deixando-nos o pranto, e as saudades. A facção n'este seu triumpho passageiro, fez de Portugal um campo de batalha, em que as intrigas, e as paixões se combateram, horrivelmente. Muito soffremos, com magua o

digo, muito soffremos durante a ausencia de Vossa Alteza Real, e a Europa não foi talvez bem informada da natureza, e extensão de nossos males; porque não via os successos de Portugal senão atravez de uma atmosphera nebulosa, e comrrompida. Os odios, as perseguições, as vinganças, e por fim a guerra civil, como era consequente... Porém que horrosas recordações me prendem a voz!

«Não manchemos com recordações tris-tissimas o jubilo, e gloria de tão grande dia, lançando esta nodoa sobre as pompas festivas, que por toda a parte se preparam. Oxalá que se podesse interromper a cadeia do tempo, e riscar de nossos fastos a triste historia dos ultimos oito annos!

«Lancemos pois, se é possível, um véu sobre o passado, e occupemos toda a nossa attenção com o grande objecto para que Vossa Alteza Real nos reuniu ao redor do seu throno, sem renovar lembranças, que possam provocar resentimentos, e atear dissensões, quando Vossa Alteza Real tomou a nobre empreza de reunir a nação, e trazer todos os portuguezes á concordia.

«Ficaram satisfeitos os nossos primeiros desejos com a presença de Vossa Alteza Real, que um só momento não tardou desde o seu feliz regresso, que não começasse a enxugar nossas lagrimas. Não prebender-se as nossas esperanças com a benefica resolução, que Vossa Alteza Real tomou de convocar os Tres Estados do Reino para o fim já indicado no decreto de sua convocação, e que hoje nos mandou annunciar em termos mais expressivos pela bocca do illustrado orador que me precedeu.

«A grande questão nacional (grande pelas suas consequências, e não pela difficuldade da materia), que tem dado pretexto aos malevolos para revoltarem a Monarchia até os fundamentos, cuja melhor applicação existe na voz unanime, que souo por todo o reino. Mas Vossa Alteza Real a submetteu ás deliberações d'este congresso, para que de novo se examine com madureza; e n'esta real determinação, digna por certo de um grande Principe, Vossa Alteza Real nos dá mais uma prova decisiva de seu espirito de justiça, moderação, e desinteresse, e do muito que se desvela pelo bem do estado.

«Hoje é o anniversario de um dia, que será sempre memoravel na historia, pela transcendencia de seus resultados. Em 23 de junho de 1789 houve em França aquella sessão real dos estados geraes, onde se desenvolveram os principios da revolução, que o virtuoso Luiz XVI com ella pretendeu atalhar. Mas que differença entre os tumultos, que começaram n'aquelle dia, e o socego que Vossa Alteza Real vê reinar n'este congresso! Da reunião dos tres estados de França em 23 de junho de 1789 resultou a destruição da monarchia franceza, e esta espantosa serie de males, de que ainda se resente a geração actual, e se sentirão talvez por muito tempo as gerações futuras: da reunião dos Tres Estados de Portugal em 23 de junho de 1828 resultarão providencias, que hão de fazer a felicidade da nação, e devem ter uma alta influencia na tranquillidade da Europa. Mas em França dominava o espirito revolucionario, aqui domina o amor da ordem, e brilha a felicidade portugueza; eis a differença.

«Vae tomar-se uma medida, que, fixando o throno sobre a base da verdadeira legitimidade, e dando-lhe uma energia, que ella não tinha, ha de pôr termo ás dissensões, e á guerra civil, que assallam o reino; reunir toda a grande familia portugueza debaixo de um governo justo, e paternal; tranquilisar os bons, desenganar os illudidos, e arrancar das mãos perfidas dos incorrigiveis o punal, que pretendem cravar no coração da patria, para repartirem depois seus ensanguentados despojos.

«Esta medida, pois, que com tanta vehemencia era reclamada pelo voto geral da nação, assaz pronunciado em tantas representações, que teem subido á angusta presença de Vossa Alteza Real, era ao mesmo tempo a unica que podia salvar a Monarchia. Qual seria, pois, o chefe de partido tão resoluto, e audaz, que, se aqui estivesse, a não approvasse, e applaudisse? Qual o barbaro, que preferisse antes vêr correr o sangue portuguez, e a patria exalar os ultimos suspiros nos braços da anarchia?

«Nosso primeiro dever é dar graças ao Omnipotente por este assignalado beneficio, que recebemos de sua Divina Providencia, e depois a Vossa Alteza Real. Lance, Senhor, os olhos por este numeroso congresso, e leia em todos os semblantes os sentimentos, de que se acham penetrados todos os corações. São sentimentos de prazer, de amor, de lealdade, e de gratidão para com Vossa Alteza Real, que se teem difundido por toda a nação, e de que eu tenho a incomparavel honra de ser o fiel interprete.

«Vossa Alteza Real, e a nação procuram salvar o estado por aquelles legitimos meios, que se acham prescriptos em nossas leis fundamentaes, e sancionados pelos nossos antigos usos, e costumes. E quem se atreveria a disputar este direito a Vossa Alteza Real, e á nação estreitamente unidos, e firmemente resolutos a completar a obra começada? Quem ousaria interpor-se para deter seus passos? Uns poucos de facciosos teem esse arrojo, mas enquanto Vossa Alteza Real lhes desarma os braços, este congresso ha-de desfazer seus sophismas.

«Pretendem assustar-nos, e reanimar o seu partido (esta é uma das suas armas familiares), lançando sombras sobre a politica europea, com manifesta injuria dos soberanos aliados. Mas poderemos nós ter d'ahi algum receio? Estas vozes, que eu tenho a honra de dirigir a Vossa Alteza Real, são tão debeis, que não enchem nem o ambito d'esta sala; porém eu desejava que a Europa, que o mundo as ouviu; porque a causa não é só de Vossa Alteza Real, é da nação portugueza; é a causa do genero humano.

«A politica europea, forçada a seguir a marcha dos acontecimentos publicos, que com prodigioza rapidez se succedem uns aos outros, se modificam, e se contradizem, muitas vezes se tem enganado em seus calculos; mas advertida pelos seus mesmos erros, não se enganará d'esta vez com os successos de Portugal.

«Não pôde ignorar que a revolução, comprimida, mas não extincta, no centro da Europa, rompen para as extremidades, d'estas forceja sempre para reverter ao centro. Não lhe são occultos os dois focos, que a revolução estabeleceu, um na Grecia, outro em Portugal, para onde tem concorrido, ou onde conservam correspondencias os revolucionarios dos outros paizes, e nos quaes, como em arsenal commum, forjam as armas, e concertam planos para um ataque geral.

«A politica europea conhece o perigo, e prevê qual seria o funesto resultado de se deixar de novo atear o incendio, que tanto custou a apagar. Nem os Reis, nem os povos já se enganam com essas brilhantes chimeras, com que o philosophismo moderno occulta os crimes. Não os illude essa affectada phylantropia, que, com a docura na bocca, e o fel no coração, anda sempre enfiada em odios, em vinganças, e sequiosa de sangue, e lagrimas; nem tão pouco as pretendidas luzes do seculo, que simillhantes ás que precedem o trovão, bem longe de allumiarem, cegam, e despedem raios, que abrazam.

«Não fallarei da Grecia, onde a causa da religião, e da humanidade parece encontrar de alguma sorte as vistas da politica. Lá marcham na direcção do Bosphoro essas grandes massas de força armada, que ameaçam scenas as mais sanguinosas, que as dos memoraveis dias de Catharina, e Mostafá: ellas porão claro o que ainda me é occulto.

«Quanto ao fóco de Portugal, os soberanos aliados teem visto as lavas, que produziu a nossa irrupção volcanica de 1826, e estão vendo as que ainda vomitam as cavernas do Porto. E poderá alguém acreditar que elles queiram ser os proprios, que aticem o fogo para um dia os abrazar?

«A Europa tem os olhos fixos em Portugal, e não pôde deixar de applaudir a sabia, e maganima resolução, que tomou de firmar o sceptro portuguez sobre as ruinas da revolução do que depende a segurança de todas as monarchias.

Quando Vossa Alteza Real desembainhou pela primeira vez a espada a favor d'esta causa, o duque de Angoulême trabalhava em Hespanha no mesmo sentido, á frente dos exercitos francezes, e com o apoio da grande liga europea. Como poderiam, pois os soberanos aliados desapprovar hoje o que então approvaram, e protegeram? Tão depressa se teriam esquecido do grande servico, que Vossa Alteza Real fez á causa dos Reis, e dos povos, servico, que elles tanto reconheceram, admirando o valor, e resolução heroica de Vossa Alteza Real em annos tão juvenis? Como poderão pôr-se agora em contradicção com as maximas, que com tanta solemnidade adoptaram, fundando um novo equilibrio em Vienna, e estabelecendo em Troppau, em Laybac, e em Venosa, como regulador de sua politica, o principio da legitimidade, que tanto teem proclamado em seus manifestos, e nas notas diplomaticas de seus ministros?

«A rebellião tambem proclama a legitimidade, para com este nome pretextar seu crime; mas é uma falsa legitimidade, fundada em sophismas, e que os mesmos rebeldes nem acreditam, nem desejam. E poderá alguém conceber que a politica europea esteja mais bem disposta para ouvir os sophismas de uns poucos de facciosos, do que as

razões solidas da nação unida ao seu Principe? Se a Europa não tivesse conhecimento do nosso direito publico, e das nossas leis fundamentaes, por não ter ouvido senão aquelles, que tinham interesse em lhas occultar, agora será mais bem informada por documentos tão authenticos como os que vão offerecer-lhe os Tres Estados do Reino representando em côrtes a nação inteira. Por elles formará a Europa o seu juizo imparcial sobre a nossa questão, que os emissarios da facção tanto teem desfigurado nos paizes estrangeiros com calumnias, e sarcasmos publicados nos escriptos dos seus colaboradores, e principalmente nos papeis radicais da Grã-Bretanha.

«Não é propria do presente discurso a discussão dos direitos de Vossa Alteza Real á corôa de Portugal; mas eu vou estabelecer alguns principios para o caminho ás deliberações do congresso, antes que se separem os diferentes Braços.

«Os illustres fundadores da Monarchia estabeleceram em Lamego, como fundamento da ordem da successão do reino, que a corôa nunca passasse a pessoa estrangeira — *quia nunquam volumus nostrum Regnum ire for de Portugalensibus, qui nos sua fortitudine Reges fecerunt sine adjutorio alieno per suam fortitudinem, et cum sanguine suo.*

«Os illustres restauradores de 1640, para corroborarem ainda mais esta lei fundamental, ppqozeram outra nas côrtes de 1641, para que não só a corôa nunca passasse a Principe estrangeiro, *nem filios suos*, ainda que fossem os parentes mais chegados do ultimo Rei, mas que aquelle, que houvesse de succeder no reino, aiem de ser nascido, fosse tambem *creado n'elle*, palavras do capitulo do Estado da Nobreza, *para conhecer seus vassallos, e os amar como taes*; e tivesse obrigação de residir dentro d'elle; e acrescentaram que, acontecendo succeder o Rei em algum outro reino, ou senhorio maior, fosse obrigado a residir sempre no de Portugal; e tendo dois, ou mais filhos varões, o maior succedesse no estranho, e o segundo no de Portugal.

«Toda esta doutrina foi approvada pelo Senhor Rei D. João IV, nas suas respostas aos respectivos capitulos dos Tres Estados, e collectivamente ratificada na sna carta patente de 12 de setembro de 1642; e por consequencia tambem constitue uma lei fundamental do Estado, que o proprio Rei não podia alterar sem o consento da nação.

«Que d'riam, pois os fundadores e os restauradores d'esta Monarchia, se fossem presentes, vendo a injuria, com que se tem querido tirar a corôa a Vossa Alteza Real, para se entregar com tão manifesto prejuizo, e repugnancia da nação, a um Principe, não só estrangeiro, porém residente, e estabelecido com um imperio além do Atlantico?

«O direito á corôa não se devolveu para o legitimo successor senão no momento fatal, em que expirou o Senhor D. João VI, porque esta é a regra em todas as successões. E a este momento não estava ja reconhecida, bem, ou mal, a independencia do Brazil, e o Senhor D. Pedro investido no imperio por sua livre escolha, e vontade?

«Aquella prévidente clausula, de que se usou nas côrtes de Lamego — *nunquam volumus nostrum Regnum ire for de Portugalensibus*, entendida no seu sentido natural, e não segundo os ápices de direito, de que de certo não cogitavam os fundadores da Monarchia, que não eram letrados, exprime bem a sua intenção. Quizeram que nunca tivessemos Rei, que não fosse do reino, e não estivesse entre nós, e que a corôa jámais sahisse de Portugal; e eis aqui bem claramente excluido o Senhor D. Pedro, n'elle toda a sua descendencia, e a corôa devolvida ao immediato, que é Vossa Alteza Real. Porém, ainda entendida a mesma clausula no rigor juridico, o seu effeito é sempre o mesmo.

«A qualidade de nacional, ou estrangeiro, segundo o direito publico universal, e o particular do nosso reino, deriva-se mais do estabelecimento; do que do nascimento, á maneira do que se acha determinado a respeito dos direitos de visinhança, pela Ordenação, liv. 2.º, tit 56. — Todo aquelle, que se estabelece em paiz estrangeiro, e n'elle accetea empregos publicos (quanto mais um imperio!) fica sendo estrangeiro ao paiz, em que nasceu. N'este caso se acha o Senhor D. Pedro, que não podia ser Imperador do Brazil sem ser brasileiro, nem ser brasileiro, e ao mesmo tempo portuguez, residente, e estabelecido do Brazil, e ao mesmo tempo em Portugal, pois são qualidades repugnantes.

«Logo o Senhor D. Pedro nunca chegou a ter direito á corôa de Portugal, e não o tendo, não o podia transmittir a sua augusta Filha, a Senhora Dona Maria da Gloria, nem por cessão, nem por direito hereditario. Não por cessão, porque ninguem pôde ceder a outrem uma propriedade que não é sua, e muito menos um reino, que não é

propriedade allodial, de que se possa dispôr livremente contra a ordem regular da successão. Não por direito hereditario, porque além de que as côrtes de 1641 excluíram da successão da corôa não só a qualquer Príncipe estrangeiro, mas conjuntamente os filhos d'elle. Interrumpida no pae a linha, interrompida fica para toda a sua descendencia.

«Sómente a logica revolucionaria poderia acahar na sua fallaz verboria argumentos, que oppôr á simplicidade d'este raciocinio; mas não é de seus paralogismos, que dependem os direitos de Vossa Alteza Real e os destinos da heroica nação portugueza, que depois de constituída em Monarchia, jámais recebeu leis de paiz algum estrangeiro, senão compellida por força maior no tempo dos Felippes.

«Se se levantassem de seus tumulos aquelles varões assignalados, que á custa do seu sangue tanto engrandeceram esta Monarchia, conquistando reinos, e colonizando regiões immensas, que dôr, que indignação seria a sua, vendo entre os seus descendentes alguns d'esses portuguezes degenerados, que tem a baixaza, e o servilismo de querer sujeitar a metropole, esta rainha dos mares, a receber as leis de uma das suas colonias! A uma colonia, que se rebellou, que lhe fez a guerra, que lhe tem apreza do seus navios, usurpado as suas propriedades, e tratado os portuguezes com tanta ignominia como trataria os seus escravos! Oh! tempos! Oh! costumes!

«Porém outros são seus fins. Elles não querem Rei nem natural, nem estrangeiro; não querem leis nem da metropole, nem da colonia. O que elle querem, é um Rei nominal, que esteja a duas mil leguas de distancia, que não tenha força para obstar ás suas machinações, e de que se possam descartar n'um momento. O que que primero do que tudo, é desviar do throno a Vossa Alteza Real, porque conhecem os setimamente e as virtudes, de que se adorna, e já provaram o valor do seu braço; pois esta facção é o mesmo, e até surgiu dos mesmos subterraneos que a de 1820.

«Eis aqui a razão, porque elles tanto se tem esforçado para evitar a reunião dos Tres Estados, prevendo que lhe havia de ser fatal. Proclamadores sempiternos dos direitos do povo, e da representação nacional, logo que o povo manifesta os seus desejos por aclamações espontaneas, tratam de o suffocar, e sujeitar a seus caprichos. Logo que se cogita de reunir a legitima representação nacional, segundo as leis, e usos da Monarchia, não ha meio que não empreguem para obstar a esta reunião, como fizeram em 1820. Invocam hoje a carta, como n'aquelle tempo invocaram as côrtes, e affectaram chorar a perda de nossas antigas instituições, porque lhes serviria de degrau para proclamarem amanhã a republica, como então proclamaram a soberania do ppo.

«Veja porém o mundo como a nação portugueza já os conhece, e abomina. É uma facção puramente militar, o que muito agrava o seu crime, e como os chefes são militares, arrastou ás suas bandeiras uma parte do exercito, ou seduzida ou obrigada pela força; mas nem uma só povoação entrou no seu partido, senão aquellas que tem occupado militarmente.

«De todas as partes se ouve um clamor geral contra os rebeldes; formam-se batalhões de voluntarios, pedem-se armas, e os povos se levantam em massa, e fazem uma monteria geral não só contra os rebeldes armados, mas contra todos aquelles que suspeitam de adherentes aos principios da seita. Desgraçados se não achassem amparo em Vossa Alteza Real, e nas auctoridades, a que Vossa Alteza Real tem encarregado de manter a tranquillidade publica!

«Segui-me, proclamou Vossa Alteza Real ao exercito, determinando collocar-se á sua frente. Segui-me, e nunca trilhareis outra estrada que não seja a da honra. Estas palavras, de cuja sinceridade Vossa Alteza Real tem dado decididas, e antecipadas provas, são bem semelhantes ás d'aquelle grande Rei de França, Henrique IV, que teve de conquistar com mão armada o sceptro, que lhe pertencia pela lei salica, quando disse aos seus soldados na batalha de Ivry—*Se perderdes as vossas bandeiras, reuni-vos ao penacho branco; sempre o achareis no caminho da honra, e da gloria!*

Quando no calor do combate viu que os seus se encarnicavam sobre os vencidos, elle lhes bradou—*Salvae os francezes!*—Dada a occasião estou certo de que Vossa Alteza Real bradaria tambem:—*Salvae os portuguezes!*—porque a humanidade, que depois da justiça, é a primeira das virtudes, que deve ter um Príncipe, falla ao coração de Vossa Alteza Real. Mas tanto não ha de ser necessario, porque adiante do exercito marcha o nome de Vossa Alteza

za Real, e este nome augusto tem imprimido tanto entusiasmo nos povos, tal amor nos soldados, e tão grande terror nos impios, que eu me animo a predizer a Vossa Alteza Real que ha de ganhar o triumpho sem ser necessario combater.

Henrique IV, dedicando todos os seus cuidados a reparar a França, disse á assembleia dos notaveis congregada em Roven:—*Já pelo favor do ceu, e pelo conselho dos meus fieis servidores, e pela espada da minha valorosa nobreza eu tirei este estado da escravidão, e da ruina. Quero restituir-lhe a força, e o seu esplendor; participae d'esta segunda gloria, assim como tivestes parte na primeira.* Outro tanto poderia Vossa Alteza Real dizer mui breve aos Tres Estados do Reino, porque a primeira gloria está ganha, resta agora ganhar a segunda, que é a mais difficil.

«Dissolvidos os vinculos sociaes, que uniam o Soberano ao estado, e as diferentes partes do estado entre si; dissipadas as nossas riquezas, e com ellas a nossa consideração e força; obstruidos ou extinctos os canaes por onde ellas nos vinham; despeçada em fim a Monarchia, e o espirito revolucionario contrariando todos os projectos de util melhoramento, que fadigas, que trabalhos não são necessarios para curar chagas tão profundas? *Multum maris æquor est arandum.*

«Reunir, e tranquilisar a nação firmando o throno sobre bases tão solidas, que o tempo as respeite, que as facções as não abalem, é o primeiro passo que se deve dar para não edificarmos sobre areia. A deliberação dos Tres Estados facilitará a Vossa Alteza Real este primeiro passo para progredir sem obstaculos na immensa carreira, em que vae entrar.

«No mesmo estado de desgraça achou Henrique IV a França, e em poucos annos elle a fez um dos reinos mais florescentes da Europa. Porém não continuarei o paralelo entre Vossa Alteza Real, e um Rei estrangeiro, havendo tão grandes modelos dignos de se imitarem entre os Monarchas portuguezes.

«Quando o Senhor Dom João I subiu ao throno, tambem o reino estava assolado pelos partidos, e pela guerra civil, e estrangeira; um exercito inimigo occupava ainda a melhor parte das provincias, e a corôa de Portugal não possuia um palmo de terra além do mar. Pôde dizer-se que aquelle Monarcha não tinha outros recursos senão os do seu genio, e da fidelidade d'aquella parte dos portuguezes, que o não tinham abandonado. Mas elle soube pôr em tal ordem os negocios do Estado, e tirar taes recursos das ruinas de Portugal, que com ellas conseguiu organizar aquelle exercito, e aquella poderosa armada, com que foi humilhar na Africa o orgulho mahometano, e tomar Ceuta, abrindo a porta á serie immensa de conquistas, que os seus successores continuaram, e de que veio a formar-se aquelle magestoso imperio, que se prolongava desde o Cabo da Roca por uma parte até á China, e até ás ilhas de Maluco, e pela outra até os remotos sertões da America além do rio das Amazonas, além do Uruguay,

«Na mesma idade juvenil de Vossa Alteza Real, que Deus prospere por longos annos, começou o Senhor D. João I a sua gloriosa carreira; e que dignos exemplares tem Vossa Alteza Real nelle, e na sua ditosa prole, para illustrar seu nome, e engrandecer a nação?

«Vossa Alteza Real não é menos amado do seu povo, que o ha-de auxiliar com todas as suas forças, e ainda vejo ao redor do throno os descendentes d'aquelles antigos varões, que domaram a Africa, e avassallaram o Oriente. O sangue, que lhes corre pelas veias, os estimulará a que no serviço de Vossa Alteza Real, e da Patrie, procurem imitar o nobre exemplo dos seus illustres progenitores.

«Nenhuma nação da Europa, excepto a Grã-Bretanha, possui tantos dominios ultramarinos, como ainda restam á corôa de Portugal, na Asia, na Africa, e nas ilhas do Atlantico. Se, pois, o estado actual do mundo civilisado nos não permite a esperança de voltarmos áquelles gloriosos tempos, em que as nossas armas levavam o terror mais longe do que o levaram as phalanges de Macedonia, as legiões romanas, e os alfanges dos arabes; áquelles tempos ditosos, em que as nossas frotas conduziam a Portugal o ouro dos Reis tributarios, e as riquezas da Asia, da Africa, e da America, podemos ainda formar dos despojos d'aquelle imperio um reino florescente, que hombreie com as nações mais opulentas.

Ainda que as virtudes guerreiras são as que illustram qualquer nação, não se segue, que sejam as que a fazem mais feliz. Debai-xo dos auspicios de Minerva, e no exercicio

tranquillo das artes pacificas, ganha-se uma gloria mais solida, do que aquella que se adquire nos campos de Belona á custa de sangue humano. E que outro admiravel modelo se offerece a Vossa Alteza Real no brilhante reinado do Senhor Rei D. José para alcançar esta verdadeira gloria?

«Das cinzas de uma cidade arruinada levanta-se esta soberba capital; tira se do nada um exercito, em marinha respeitavel, e um commercio florescente. Estabelecem-se numerosas fabricas n'um paiz, onde a industria tinha acabado, e as artes brilham por toda a parte. Enriquece-se o thesouro publico, de um povo pobre forma-se uma nação opulenta; e o throno, que as vicissitudes do tempo tinham eclipsado, apparece de repente com seu antigo esplendor a occupar o logar, que lhe pertence entre os thronos da Europa. Vossa Alteza Real lhe dará um novo lustre proseguindo na carreira que tem começado.

«Firme-se Vossa Alteza Real n'esse throno excelso, e faça feliz a nação que o adora! *Generose Princeps, sic tur ad astra.*»

Apenas terminou o discurso, que acabamos de transcrever, desceu do throno o Regente, e ao som das charamellas, e atabales, dirigiu-se com a mesma comitiva, até os seus aposentos, para pouco depois receber noutra sala as homenagens dos Tres Braços do Estado. e de um enorme concurso de portuguezes ali conduzidos pelo desejo de felicitarem o Regente n'uma occasião de tamanha festa nacional.

Juramento do Senhor D. Miguel e dos Tres Estados do Reino

No dia 6 do mez de julho do anno de 1828, congregados os Tres Estados do Reino no palacio d'Ajuda, entrou na magnifica sala do throno o novo Rei, vestido com o manto real, e empunhando o sceptro, com luzido, e numerozo acompanhamento de pessoas da côrte, e occupou o solio, junto do qual se via o condestavel com o estoque erguido, e o alferes mór com o estandarte real desfraldado.

Em seguida o venerando, e sabio Prelado de Vizeu pronunciou o discurso, que vamos transcrever:

«Tornou-se em fim claro, e formoso dia a sombra temerosa, que carregou tão largo tempo sobre a patria! Chamado pelas leis, instado pelos votos, e aclamações dos povos, determinado pelo reconhecimento, e supplicas dos Tres Estados do Reino, subiu ao throno de seus maiores o muito alto, e poderoso Rei, e Senhor Nosso, o Senhor D. Miguel I! Louvor seja dado a Deus, principal, e antes unico, auctor de todo o bem; vivo, e puro agradecimento ao excelso Príncipe; sincera congratulação ao nosso amado Portugal! Penhorou-nos a Divina Providencia com mais um argumento do empenhado favor, com que acode a remediar nossos males nesse mesmo instante critico, em que a prudencia humana pouco menos que entra a desesperar do seu remedio. Tiveram um termo os nossos justos receios: cobraram alento as nossas esperanças. Cessou a fluctuação do governo supremo, renova-se a veneração das instituições provadas, e consagradas pelo tempo; renasce o apreço dos antigos costumes, e bem podemos com todo isto prometter-nos a paz, e prosperidade dentro do reino, a consideração e firme amizade dos povos estranhos.

«Para realisar a feliz harmonia de discreto, justo, e desvelado imperio da parte do Príncipe, com perfeita obediencia, e acrisolada lealdade da parte dos vassallos, de que depende a vida, não só a felicidade das Republicas, se tem dignado Sua Magestade de prestar hoje seu real juramento, e de receber o nosso; tudo pela fôrma, e nos termos com que em similhantes occasiões o praticam sempre nossos antepassados. A face dos ceus, rendido ante o Supremo Senhor d'elles, e de todo o creado, com a mão sobre seu divino Evangelho, vae o nosso augusto Monarcha jurar, e prometter de, *com a graça de Deus, nos governar bem, e direitoamente, de nos administrar justiça, e de nos guardar nossos bons costumes, e liberdades.* O juramento não pôde ser mais justo, o nobre animo, que o presta, é conhecidamente pio, e sincero; o Senhor, que o recebe, não pôde ser mais recto, e poderoso, e não pôde faltar o auxilio do seu poder onde é requerido pela piedade, e pela justiça. Razão temos, pois, de esperar com muita confiança o copioso influxo da Divina Graça, de que o augusto Monarcha vae em seu juramento reconhecer a dependencia para o bom governo dos povos, e para a ventura, e gloria do Príncipe.

«Duas verdades de remontada importan-

cia reconhece aqui, por certo, o nosso muito alto, e muito poderoso Rei e Senhor; e no reconhecimento de ambas, vae de accordo com todos os Príncipes indubitavelmente grandes, que tem reinado sobre a terra. A primeira é que a felicidade, e gloria do bom regimento dos seus povos: e por isso, em ordem á segura, e propria fidelidade, e honra, se propõe, e promette de o governar bem, e administrar justiça. É a segunda, que não pôde haver bom regimento dos povos onde houver desvio dos conselhos, e regras da Eterna Razão, e faltar, por coasequinte, a cooperação de sua divina influencia; e por isso jura, e promette de os governar bem, assistindo-lhe, e aspirando á Graça de Deus. Verdades, repito, de alta importancia, cujo desconhecimento tem tornado tantos Soberanos do mundo desventurosos, e deshonrados em seu tempo, e depois nas paginas da historia, e tornado tantas nações e desgraçadas. Victimias do erro infeliz d'esses Soberanos pouco afortunados: e verdades, cujo conhecimento, e practica tem dado a Sua Magestade tantos predecessores, e a Portugal tantos Reis felizes, e gloriosos. *Governar bem, e direitoamente* é a summa da ventura, e honra dos Príncipes; reconhecer, e confiar para isso no auxilio, e favor d'aquelle, que sustenta os thronos, e inspira os decretos justos, é a summa da sua sabedoria.

«Á face dos Ceus, igualmente humilhados na divina presença, e rendidos ante aquelle, que é Deus a imagem na terra, tambem nós juraremos aos Santos Evangelhos corporalmente com nossas mãos tocados, que recebemos por nosso Rei, e Senhor verdadeiro, e natural ao muito alto, e muito poderoso D. Miguel I, nosso Senhor, e por isso nos obrigaremos a obedecer, e servir com zelo, pontualidade, e fidelidade de bons, e fieis vassallos. Com viva impaciencia temos desejado, e esperado todos este bem assombrado dia, em que a verdadeira legitimidade apparece desembaraçada de equívocos cavilosos, em que tornam a ser considerados os nossos antigos, e bem ganhados foros e em que, por ambos estes principios, as câs veneraveis da patria desattendidas (ainda mal!) e desacatadas por irreverente ingratião, recobram a dignidade, e respeito, que no decurso de sete seculos tem grangeado, e merecido, pela madureza nos conselhos, pelo atrevimento assombroso dos projectos, e pela constancia, e habilidade na sua execução.

«E pois que temos o sceptro empunhado por mãos seguras, e legitimas, que venos desafrentado o nobre respeito da patria, esqueçamos por nm momento as ondas, e tormentas passadas, e entreguem-nos ao prazer delicioso do triumpho, que logra hoje a nossa justiça. Ponhamos de parte em honra d'este formoso dia, outros pensamentos, e occupemos sómente a contemplação da scena, ao mesmo tempo affectuosa, e sublime, que temos á vista: filhos contentes em roda de um Pae por isso mesmo satisfeito; um Pae determinado a empenhar-se por continuar, e acrescentar a felicidade dos filhos, no meio de filhos dispostos a obedecer-lhe com reverencia, e a corresponder com fino amor ás suas fadigas.

«Quadro admiravel da verdadeira Monarchia; e ao menos da paternal Monarchia portugueza.»

Ao discurso do venerando prelado de Vizeu seguiu-se o juramento do novo Rei, o qual ajoelhalo, e pondo a mão sobre os Santos Evangelhos, substituindo o antigo escrivão da Puridade o ministro d'estado dos negocios do reino, fez a promessa solemne de governar bem, e direitoamente o povo portuguez, e de guardar, e fazer guardas suas venerandas leis fundamentaes, antigos foros usos, e costumes.

Em seguimento recebeu El-Rei o juramento de preito, e menagem prestado pelos Tres Estados, e, depois do beija mão, retirou-se da sala do throno com o mesmo cortejo, e por entre clamorosos vivas da assembleia, e da multidão, que cercava o palacio real, e ao estrondo festivo de milhares de girandolas, da artilharia do castello de S. Jorge, e das torres, bem como de todos os navios de guerra portuguezes, mui lédos, e folgados com suas alegres e vistosas flamulas, e galhardetes.»

Este juramento foi assignado por todos os prelados, fidalgos e representantes do povo.

E' curioso ver, principalmente a grande lista dos nobres, que juraram fidelidade ao rei legitimo. A maior parte d'estes fidalgos está ao serviço do snr. D. Luiz, e são elles os mais atrevidos perseguidores do partido legitimista!